

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 28500 réis; Semestre ou 26 numero 14300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 16 DE JULHO DE 1882 — N.º 21 —

GERENTE-PROPRITARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 75000 réis; semestre ou 26 numeros 42000 rs.; trimestre ou 13 numeros 22000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS: — Uma recepção inesperada. O trapeiro. Os pobresinhos irlandezes. A caracterisação (gravura do romance.)

TEXTOS: — Actualidades, por Gomes da Silva As nossas gravuras. Rosicler, por J. I. d'Araujo. Historia da terra. Um homem, por Cypriano Jardim. Um passado tenebroso

ACTUALIDADES

Foi uma semana triste, esta que passou.

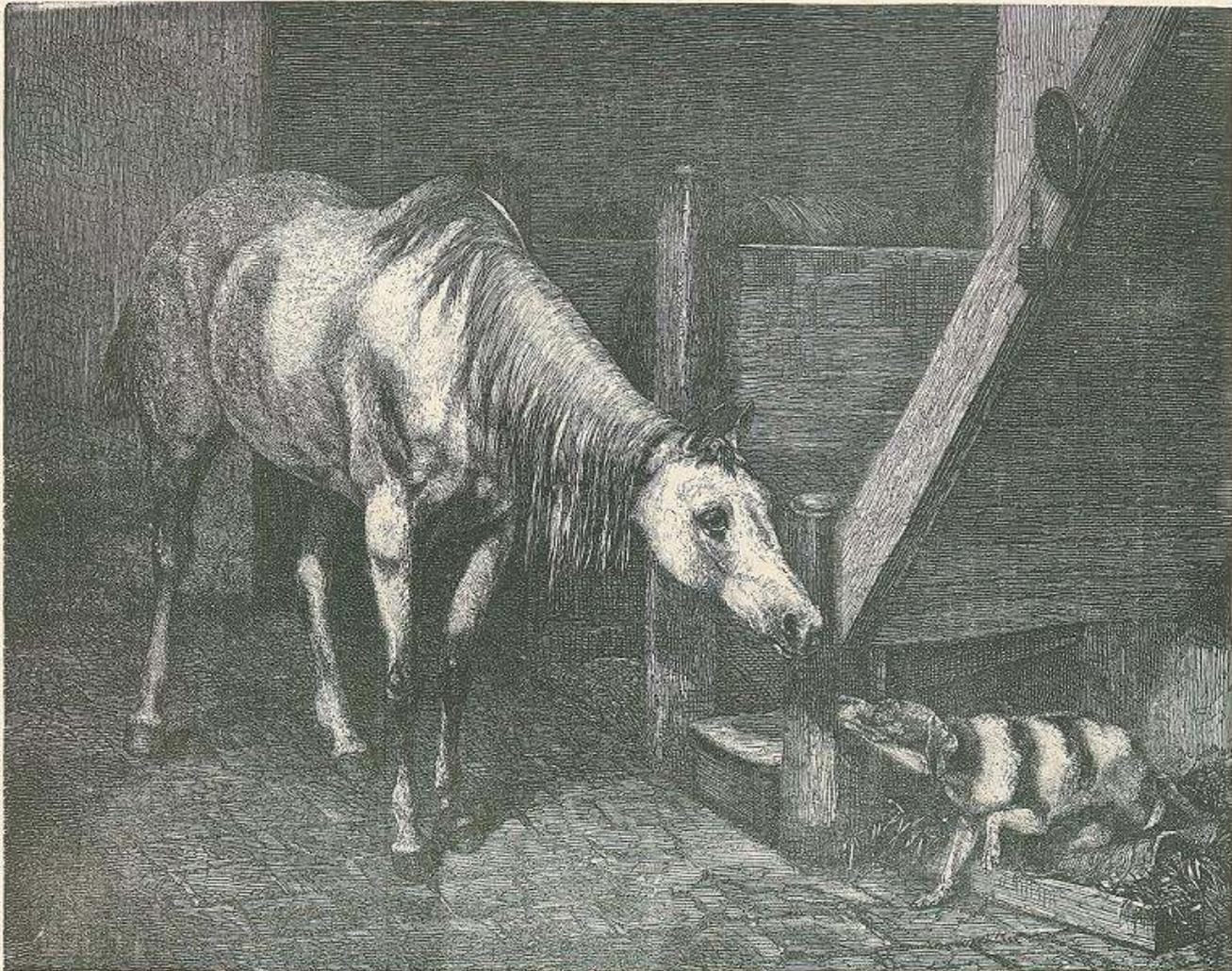
A historia parlamentar portugueza, a historia belicosa das grandes potencias e a historia meteorologica do observatorio da Tapada, dizem-nos que Lis-

se apresentou grave, preocupada, sombria, humida e laucenta.

Nem parecia Lisboa, esta nossa boa terra; parecia Londres, a terra dos nevoeiros e dos negocios, com o mac-adam lodoso, as fluctuações da Bolsa e as discussões dos syndicatos.

Em julho, em pleno julho—chuva e parlamento—duas terriveis affirmações do nosso estado anormal.

Verdade seja que os artificios de uma população habil e imaginosa tem concorrido o mais possivel para attenuar estes desastres.



UMA RECEPÇÃO INESPERADA

boa, sempre risonha, sempre calmosa e sempre illuminada n'estes bellos mezes de romarias a Cintra,

Faz-nos pena ver esta sociedade que se transforma e este clima que se inverte.

O parlamento lá se tem entretido, só, completamente só se não fôra a curiosidade policial, a dis-

cutir o projecto Salamanca, cousa que parece tão fibrosa e resistente para gregos e troianos como o marmello cru pôde ser para o estomago dyspeptico de qualquer amanuense! e os theatros e os circos respigam nos reportorios mais selectos com a barbara audacia de cultores esfomeados.

Tudo, porem, tem sido baldado! Nem os arruinados e primorosos interpretes de Verdi, no Gymnasio, nem as *chanteuses* do Colyseu, rosadas, buliçosas e excitantes como os camarões mais cubiçados em mesas de hoteis, nem a eloquencia dos comicios, nem o omnibus de Bellas, nem a resurreição inesperada da *Maria da Fonte*, heroicamente destinada a piano e canto; nada, absolutamente nada, consegue descerrear os labios d'estes affacinhas dominados ultimamente pelas tendencias reformadoras dos centenarios.

Notavel preocupação que uns attribuiram á conferencia de Pi e Zorrilla, outros ás complicações do Oriente, e outros, finalmente, á execução de Guitteau.

Não sei, não posso explicar se o que perturbava a alegria dos meus concidadãos era a impropriedade da temperatura ou a impropriedade da inclemencia.

Eu confesso que vi chover, chover em abundancia quando esperava sol ardente e brilhante, e que jamais attentei n'esta violação da carta constitucional meteorologica do meu paiz; mas confesso tambem, que na voz do vento que tem soprado rijo e na lua que sobre a madrugada entreabre a nebrina escura, eu só tenho escutado os gemidos de Guitteau, o assassino, e visto a pallidez funerea que o remorso deve ter estampado na face lisa e requemada da grande republica d'alem-mar.

Diz-se que a America é o paiz da hospitalidade, o asylo generoso de todos os homens que buscam trabalho e independencia.

E tem sido.

Partem os homens de todos os pontos da terra como partem as aves, em grandes bandos, em busca do solo fértil que elles pretendem regar com suor, e em busca da liberdade que a todos deve ser garantida.

Não ha justiça, nem carcere, nem patibulo no velho mundo que ouse salvar as ondas do oceano e entrar na terra abençoada de Washington! O mar é o grande isolador! Felizes os tempos em que eu assim pensava.

Parecia que a justiça, a justiça creadora e reguladora de todos os mundos, tinha marcado com a sua espada de fogo o seu templo no interior das florestas norte-americanas.

Magna illusão!

Se as conjecturas historicas podem ter algum fundamento, eu suspeito de que os lapponios que ha muitos seculos passaram ás regiões polares do outro continente, levavam nos seus barcos a semente maldita das arvores com que os homens fazem o patibulo da humanidade.

E, pensando assim, facil me era comprehender o ar tristonho d'esta multidão generosa, boa, democratica e clemente!

Notavel preocupação de que só conseguia arrancar-me a leitura febril d'algum telegramma da Alexandria.

Mas, se não recebia telegramma, era o mesmo; por vezes soavam nos meus ouvidos enfermos as detonações do bombardeamento monstruoso da grande eldada de Alexandre Magno.

E nos cafés, e nos theatros, e nos passeios, e em toda a parte emfim, as conversações tinham por alvo (o que recordava a palestra dos velhos de Tolen-

lino em Santa Catharina) o drama sangrento que a civilização e a Barbarie estavam representando ás portas do Oriente.

A civilização?!?

Poder contradictorio! Affirmação paradoxal!

Conseguiu essa deusa do seculo que dois mares se enlaçassem, confundindo as suas aguas, como dois amantes confundem as almas nos idyllos embriagantes; e não conseguiu ainda, e não conseguirá já mais que os povos se amem e se respeitem.

Com o alvião, Lesseps, em nome da civilização, rasgou a terra em Suez; com a artilheria, Seymour, em nome da civilização, arrasa a Alexandria!

Não é das mais sympathicas, eu sei, a causa do Egypto. Acoita-se ainda hoje n'esse maravilhoso paiz a raça selvagem que sentio sobre o dorso a mão tyrannica dos Pharaós, e que perseguiu, apesar da protecção celeste que se extinguiu com os tempos biblicos, o desgraçado povo de Israel.

Mas, que querem? produz sempre dolorosa impressão no meu espirito o espectáculo da esmagação d'um insecto pela pata colossal d'um mastodonte.

Desastrada imagem! Um insecto, o Egypto?! aquelle paiz extraordinario, cheio de pyramides, de sphinges, de templos e de catacumbas, que lembra um cemiterio coalhado de monumentos de pedra, onde ecoa por modo eloquente a voz amortecida da eternidade?!?

Nada de preocupações mysticas, digo muitas vezes aos meus hotões critiqueiros, quando me lembro de que é necessario desobstruir o canal que liga o Mediterraneo e o Mar Vermelho, como é indispensavel curar com belladona e mel rosado a garganta d'um homem!

Nada de recordações parvoinhas das lendas biblicas com que nos envenenaram a imaginação nos tempos do beaterio, em que Deus andava pelo mundo e em que os reis tinham negocios com o céu; trata-se d'uma angina na garganta d'um mar, é indispensavel fazer da Inglaterra uma saragatoa providencial.

E eu digo isto tudo, e penso tudo isto; mas, a meu pezar, sinto ao lembrar-me do Egypto o que Chateaubriand sentiu ao avistar o veio amarelado das aguas do Jordão:—a religião do passado.

Que de gerações tem pisado aquelle solo, que de segredos occultam aquellas pedras!

Desde que Sara uniu o seu collo semi nu ás cans venerandas do desgraçado Abraham; desde que José occultou em campa sagrada o cadaver ressequido do velho Jacob; desde que o Nilo emballou a cestinha de Moysés, tão protectora e docemente, quanto só pôde fazel-o um regaço de mãe; desde que n'aquelle paiz a familia sagrada que ainda hoje se venera em todo o mundo christão, e que forna o quadro mais bello que vi no oratorio de minha mãe e tenho visto nos altares do patriarchado; desde esse tempo, que de factos tem honrado e manchado a historia do Egypto.

E ao fim de tantos seculos, e mesmo depois do governo glorioso de Mehemet-Ali, os egypcios só quizeram celebrar a conquista da sua independencia, derramando, estúpida e fanaticamente, o sangue de seus irmãos.

Qual tem sido, pois, a obra da civilização?

Quaes tem sido as obras dos homens, d'esses tutores que tanto podem ser o sullão que cinge a fronte com a meia lua, ou Bonaparte que juigou acordar nos echos do Egypto as vozes dos Cesares lendarios, ou Gladstone que defende apenas o Imperio da India e o reino da Grã-Bretanha?

Nada.

Arrasam-se os fortes, incendeia-se a velha cidade e proclama-se em frente das muralhas abatidas, dos cadaveres insepultos e das fogueiras crepitantes, o verbo inspirado d'uma politica interesseira —statu quo—

É pena que nos marmores dos monumentos do Egypto não possam ficar esculpidas em hieroglyphos aquellas duas palavras—Era provavel que o Champollion do futuro descobrisse na historia infinita d'aquelle paiz a passagem de mais uma praga, alem d'aquellas com que, na opinião d'um apostolo Deus castigou outr'ora os erros da humanidade.

E o castigo não era mal applicado aos modernos politicos, que á imitação dos antigos magos charlatães, transformavam a vara em serpente, mas não sabiam transformar a serpente em vara.

E assim é. Como se diz ter succedido ha perto de cinco mil annos pela vontade de Deus, succede agora pela vontade dos homens; converte-se a agua em sangue, mas não se sabe converter o sangue em agua!

E' que as pragas do Egypto são pragas universaes.

S. Agostinho (permita se-me a citação) explicava a praga das rãs nos homens que vivem dos discursos pretenciosos e banaes; a dos mosquitos nos criticos atribiliarios, incommodos, que nem ensinam nem aprendem. Ora o evangelista tinha razão.

O passado reflecte-se.

Nos, se não somos o povo do Egypto temos, pelo menos, as pragas de que elle foi victima.

A respeito de rãs e de mosquitos, digam alguma cousa o parlamento e as *Farpas*; a respeito de chagas malignas só poderíamos invocar a autoridade de Zitmam na academia de Faro!

Que nos falta?

Temos tambem a *saraiwa* do elogio—os *ganhanhos* do imposto e as *trevas* do jesuitismo.

Já que não temos feito para pedir ao céu um novo Moysés, poderemos pedir aos homens um... bombardeamento e uma conferencia.

Succede isto vulgarmente a doentes perigosos: os medicos em junta operam e conferenciam.

Res et verba.

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

Uma recepção inesperada

Apezar da enorme differença das propriedades physicas, o cavallo e o cão apresentam varias affinidades, entre as quaes se nota a dedicacão e amizade, e a obediencia ao homem, que um e outro parecem ter sido destinados a servir e ajudar.

Obrigados a viver juntos na mesma casa, os dois animaes affeioam-se, estimam-se, tornam-se verdadeiramente bons amigos.

«A perfeição do animal, disse Buffon, depende da perfeição dos sentimentos.»

«Ora, debaixo d'este ponto de vista, ha por ventura dois animaes domesticos mais perfeitos do que o cão e o cavallo? É sabido que quando o ultimo é bem tratado, affagado pelo dono, sabe traduzir pelos movimentos e pelo olhar a sua ternura e reconhecimento. E quando na cavallariça tem um cão por companheiro, consagra-lhe tamanho affecto, que, se alguma vez o perde, chega a adoecer.

Dito isto, passemos ao assumpto da nossa gravura:

Andorinha, uma egua finíssima, viveu durante dois annos na maior intimidade com Diana, cadella de formas elegantes e de um pello macio e lustroso como seda. (Note-se que nos vamos referindo ás palavras do artista, que se inspirou de um facto verdadeiro). Mas o dono, um bello dia, resolveu sair da terra, em que habitava, mandou apparellhar a andorinha, montou e partio. A ausencia durou duas ou tres semanas; e cada vez que a pobre egua ouvia ladrar um cão, estremecia, arrebata as orelhas, dava todas as mostras de que pensava em Diana.

Chegou a occasião do regresso, e Andorinha, apenas lhe tiraram a sella e os arreios, encaminhou-se para a cavallariça contenta, não só porque ia descançar, mas porque esperava tornar a encontrar a sua amiga.

Vê-a, dirige-se a ella; mas qual não seria a sua admiração, quando Diana, em vez de lhe apparecer aos pulos, agitando o rabo, festejando-a, lambendo-a, avançou cheia de colera, rosnando, mostrando-lhe os dentes.

Que demonio se teria passado durante aquelle intervallo? Nada mais, nada menos do que o seguinte: Diana tornara-se mãe. Para nós, que sabemos qual é o estado moral das cadelas em identicas circunstancias, nada havia de censuravel n'aquelle procedimento, pelo contrario, achal-o-hiamos perfeitamente natural; mas a pobre Andorinha, de certo, não comprehendeu as cousas, e devia experimentar uma grande tristeza com a recepção que lhe fez a compaheira.

Felizmente tudo passa n'este mundo, inclusivamente a desconfiança e o mau humor das cadelas.

Referida a historia, será preciso accrescentar alguma cousa para tornar mais frisante a verdade e o sentimento, que respiram em toda esta scena?

O trapeiro

A palavra *trapeiro*, cuja etymologia não precisa ser indicada, traz á memoria tudo o que ha de mais sordido, de mais infimo de mais ignobil, e elegando a despertar nas pessoas finas e delicadas um sentimento de repulsão pela ideia de immundicie, que lhe anda associada.

E contudo, se reflectirmos bem, veremos que esse trabalhador, designado pelo nome de *trapeiro*, e para o qual todos olham com desprezo, tem a sua razão de ser, desempenha um papel importante na sociedade.

Quantas cousas, alem dos trapos, são deitadas fora, abandonadas, por inuteis, e de que todavia a industria se aproveita, transformando-as depois, e dando-lhes um valor relativamente alto?

Papel, ferro, vidros, coiro, ossos, cadaveres de animaes, tudo apanhado cuidadosamente pelo trapeiro, é por elle convertido em moeda, passando para as mãos d'outro industrial; e esse é quem tira os grandes lucros, sem ter os encomodos e contrariedades do officio. Queremos fallar do trapeiro rico, o *trapeiro de grosso trato*, que de manhã compra ao homem do sacco toda a colheita da vespera e depois de a ter separado convenientemente, vende-a a diversos fabricantes, que tornam a lançal-a no mercado sob aspectos novos e elegantes.

Nas grandes cidades, como Londres, Paris, Nova York, o officio de trapeiro é bastante rendoso, sem contar com os grandes lucros, que deixa muitas vezes a descoberta de objectos perdidos, mais ou menos preciosos.

Este officio não precisa de outra ferramenta alem d'um gancho, nem carece de outro deposito senão

um sacco ou um cesto, que o trapeiro despeja em casa.

É por consequencia o modo de vida, que adoptam as pessoas incapazes de fazer qualquer outra coisa.

Quantas vezes lenos nos jornaes a noticia de terem fallecido na miseria trapeiros, que tinham occupado um logar distincto na sociedade! desgraçadas victimas de circunstancias fataes, e quasi sempre da prodigalidade, da embriaguez, e da dissolução de costumes!

Tal é o homem, que a nossa gravura representa, e que se ergue sobre o cesto e os objectos que apanhou.

Aquelle desgraçado foi rico, teve amigos, admiradores, foi considerado pelos homens, amado pelas mulheres, e agora... eis o estado a que o reduziram os vapores de uma vida licenciosa e dissoluta!...

No meio de pedaços de papel, de um garfo quebrado, de um chapéo velho, de mil outras coisas destituídas de valor, figura uma garrafa que teve champagne

Champagne! o seu vinho predilecto! o precioso nectar, que espumando nas taças de chrystal muitas vezes animou a conversação e o espirito, que principiavam a adormecer nos banquetes da sua vida de millionario!

Levanta a garrafa, contempla-a, e vê desfilar deante dos seus olhos, o esplendor, o fausto, o brilho, as soberbas alegrias do passado! Compara tudo isso com as miserias e abatimentos do presente, e fica entregue ás mais dolorosas reflexões...

Oxalá que todos os que se acham no mesmo plano inclinado façam reflexões identicas deante da nossa gravura, que encerra um pensamento profundamente philosophico.

Os pobresinhos irlandezes

Se o fim da arte é não só impressionar os olhos, mas actuar sobre os corações e o pensamento, pode desassombadamente dizer-se que o pintor Rothwell conseguiu esse fim no quadro, que denominou *Os pobresinhos*, cujo assumpto foi buscar á Irlanda, sua patria.

Discipulo do celebre Thomaz Lourenço, applicou-se, como o mestre, especialmente aos retratos, e depois de ter brillado em varias exposições de Paris, Bruxellas, etc., morreu na cidade de Roma em 1868.

A obra que acabámos de citar, é e continuará a ser uma das melhores e mais admiraveis paginas de Rothwell.

Alguns criticos apontam como defeito as roupas dos personagens, que reputam vestidos em excessivo apuro. Outros são de parecer que a expressão de physionomia de uma das creanças se por extremo risonha.

Parece-nos pelo contrario que o auctor é digno de todo o elogio pelo muito que pezou e calculou a sensação que se propunha inspirar.

Efectivamente, quem olhar para o quadro vê logo que as duas creanças tiveram familia honesta, paes sollicitos e carinhosos, que os deixaram repentinamente orphãos, sem recursos, nem pão, o que os obriga a percorrer os campos sollicitando a esmola dos corações generosos.

O pensamento traduzido d'esta forma não é por ventura mais tocante?

O rapazito não tem consciencia da sua desgraçada condição; ri com a ideia de alguns soldos, que já recebeu e guarda cautelosamente na mãosinha. Mas a irmã! Como se lhe pintam no rosto, de um

oval tão bello e tão correcto, as lembranças do passado! Como se lhe traduzem no olhar vago e triste, as inquietações e cuidados pelo futuro!

ROSICLER

Podendo-se-me um improviso

Mais que a lage d'un jazigo
E' fria a minha cabeça,
Portanto, meu caro amigo,
Improvisos não me peça;
Mas se deseja lhe offrega
Versinhos maus, D. Calixto,
Então accite lá isto
Que a musa brincando fez,
E não me masse outra vez
P'las cinco chagas de Christo.

SONETO

Poeta de Garrett acima um furo,
Guindado ha muito aos pinaros da fama,
Ardava a passeiar no ces da lama
Ruminando as *Idéas do Futuro*.

Eis encara no sordido monturo
E, crendo ver sorrir-lhe a *laurea rama*:
«Achei-te, inspiração!» o vate exclama
Sentindo em braza o cerebro maduro.

Da mente andaz, escandecida, accesa,
Lhe brota um borbotão de *idéas novas*
Que assarapanta os homens da limpeza.

Já 'stão no prelo em sublimadas trovas...
Mas disse o revisor, lá na Havaneza,
Que a mão poz no nariz ao ler as provas.

SONETO

A um convalescente, que para se entreter jogava como a braca

Vou supportando a tua impertinencia
E vou vendo se tu vaes melhorando;
Mas, apesar de cobres ir ganhando,
Sempre venho a perder a paciencia.

Tomára ver-te livre da sciencia
Que com tisanas te ha empaninado,
Para livre eu ficar e descançado
De soffrer tão penosa penitencia.

Deus te ponha na rua quanto antes,
Condoído do mal de que adoço
Agarrado a estes naipes tão seccantes!...

Arriba! põe-te bom! — que não mereço
Ser massado com biscoas incessantes,
Aturando sessões que não padeço.

J. I. D'ARAÚJO.

HISTORIA DA TERRA

Assim como a Humanidade, o planeta que ella habita, tambem tem a sua Historia.

Mas ao passo, que para a primeira se pôde recorrer a fontes directas, a documentos escriptos e authenticos; por a segunda ha apenas o meio indirecto da conjectura, sem auxilio algum da tradição; ha apenas o estudo dos monumentos naturaes que a propria Terra nos appresenta, como unicos indicadores dos phenomenos provaveis que concorreram para a successão das diversas phases da sua existencia.

Ainda assim, por esse processo, tem-se chegado a assentar proposições, que podem considerar-se como exprimindo, sem duvida alguma, a verdade.

Estão n'esse caso as que se referem á determinação dos varios periodos da vida do nosso planeta. A sciencia indica-nos quaes os phenomenos geologicos que deve ter delimitado cada um d'esses periodos; e ainda

qual a sua flora e a sua fauna especial. Ha mesmo n'este ponto idéas perfeitamente precisas. É natural, por exemplo, admitir que o homem não tenha existido no periodo secundário, (de que nos occuparemos em um outro artigo) por que as condições de temperatura, de pressão e de composição da atmosphera não eram compatíveis com o seu organismo.

rante este ultimo congresso antropologico, as suas opiniões sobre as descobertas dos nossos sabios.

Eu disse sabios; e n'este ponto permitta-se-me um pequeno parenthesis. Empreguei aquella palavra obedecendo, como todo o indigena obedece, á nefasta mas quasi inevitavel influencia da convenção, que, entre nós, occupa o lugar da critica.

Sei d'um grande numero de professores, instruidos, muito instruidos; que fallam e escrevem muito bem; mas que não fallam e não escrevem senão sobre o que os outros tem feito. Os seus trabalhos originaes não occupam grande espaço nas nossas estantes.

As suas lições são admiraveis como linguagem e estylo; e podem fazer brotar d'entre os alumnos que os



O TRAPEIRO

O problema porem complica-se logo que se passa dos grandes periodos ás suas sub-divisões.

Assim sabemos, ou parece provavel, que o homem existio no periodo terciario. Mas em que epocha d'esse grande periodo teve lugar a sua appareição? Nada de positivo ainda está resolvido. E nós mesmos fomos testemunhas das duvidas, que sobre este ponto assaltam ainda o espirito dos mais notaveis geologos, ao ouvir du-

E' tudo convenção n'esta nossa boa terra. Até se convençiona que haja sabios. E' o que pôde chamar-se o cumulo da convenção.

Pois eu, sem o minimo desejo de offender qualquer melindre, venho, com toda a humilde sinceridade de que sou proprio, declarar que não conheço os sabios do nosso paiz; ou ao menos, que interpreto a significação da palavra d'um modo diverso do adoptado aqui

ouvem notaveis oradores e escriptores distinctos.

É já um grande serviço.

Mas prestava serviço muito maior quem tratasse a sério da verdadeira educação scientifica: a experimental.

Confessemos que os oradares abundam na nossa Terra; eu poderia citar milhares. Não escasséam tambem os escriptores de todo o genero.

O que falta é sciencia; sciencia pratica; sciencia que sirva para a industria.

Nos outros paizes — pelo menos em França — quando o industrial tem necessidade de pessoal tecnico para a direcção do seu estabelecimento, vae á escola onde se ensina a respectiva especialidade, e ahí são-lhe indicados pelo director os alumnos que este julga mais

maiores vultos da moderna politica, afirmar a existencia de tres metades n'um todo?

E pessoa insuspeita disse-me, que o calor do entusiasmo exaltára esse tribuno por fórma tal, que se não fossem os seus amigos teriamos de assistir ao desenvolvimento d'um sudário indefenido de metades d'um todo.

A sciencia entre nós nem dá fortuna, nem gloria. Por isso esses nossos poucos homens que poderiam merecer o nome de sabios se tem refugiado na politica onde ao menos conseguem que n'elles se falle.

São tambem os governos muito culpados d'este indifferentismo scientifico. Não protejem os que pretendem dedicar-se ao trabalho; nem consideram devidamente o



OS POBRESINHOS IRLANDEZES

aptos e mais aproveitaveis. Qual é a escola do nosso paiz que esteja nas circumstancias de fornecer aos diferentes ramos da industria o pessoal necessario devidamente habilitado?

A escola nacional cultiva sobretudo a rhetorica. A eloquencia lança mão até da sciencia positiva para vestir com mais brilhos as suas metaphoricas imagens. Não ouvimos nós, na presente sessão legislativa, um dos

Pois se a educação escolar é assim, como querem que haja sabios?

Não se convencem que passou o tempo dos encyclopedistas, e que a simples intuição cedeu o campo á experiencia, á observação, á analyse.

O defeito do pouco amor pela sciencia não provem, todavia, só da falta d'escolas. Provem ainda d'um pouco incentivo, que entre nós ha para o trabalho serio.

merecimento real. Ainda ha poucos dias se vio com que zelo pela instrução publica elles escolhem e nomeam os professores; e como influem para essa escolha mais as circumstancias alheias ao merito, do que as convenientes habilitações.

E a imprensa? A imprensa que é um dos mais poderosos meios do derramamento da instrução em nada concorre entre nós para a vulgarisação da sciencia.

Pode até dizer-se que em alguns casos concorre para produzir o effeito contrario, aventando idéas erroneas.

N'um dos mais lidos jornaes de Lisboa, e firmado pelo nome d'uma festejada escriptora, vi, ainda não ha muito tempo, um artigo em que se tratava d'uma atmosphera composta de oxigenio intellectual e *Hydrogenio moral*.

Esta arrojada figura scientifico-litteraria tem sua semelhança com a das metades d'um todo. Parecia-me conveniente que a primorosa escriptora ou renunciasse a empregar, nos seus philosophicos devaneios, esses pobres rudimentos de sciencia, que ninguem deve ignorar; ou, a pretender uzal-os, lesse primeiro uns compendiosinhos bem simples, bem claros, bem accessiveis ás intelligencias menos cultas, que andam ahi pelas mãos de qualquer estudante dos lyceus e dos collegios, e que se occupam dos principios de physica, chimica e introdução á historia natural.

E ainda bem que me lembrou este caso da invasão da sciencia — e de mais a mais sciencia *avariada* — no campo da litteratura, para com ella me desculpar d'esta minha divagação. Verdade é que o leitor portuguez está já costumado a ser victima d'estes logros. Haja visto o local do correio do sr. Paes.

(Continua).

O DOMINGO DOS BEBÉS

SERÕES HONESTOS

(Contos)

UM HOMEM

Chamava-se João, o pequeno.

Era bom rapaz e muito meu amigo.

A's tardes quando me via na janella do meu rezdo-chão, já livre do sol poente, vinha conversar conmigo: dar-me conta miuda do que tinha vendido n'aquelle dia, e mostrava-me o dinheiro que levava para casa.

E ganhava... tinha dias de ganhar os seus cinco tostões.

Principalmente quando eram cautellas de Hespanha.

Nas cautellas de Hespanha, ha muito mais lucro do que nas portuguezas. E explicava:

—Ganha-se dez reis em cada uma de tres vintens; um vintem nas de seis, tres nas de doze, seis nas de vinte, e então nos décimos!... isso então...

Elle explicou-me tudo; nas do Manaças ainda se ganhava mais, porque o Manaças vende as de doze por oito vintens; por isso elle comprava mais ao Manaças, do que aos outros.

Fomos assim tomando confiança um com o outro, e eu uma tarde, perguntei-lhe pela familia: que me contasse a sua vida.

E o João, como era bom rapaz, e muito meu amigo, contou-me a sua vida.

Aos seis annos começou a ganhar dinheiro.

Era emprestado, as noites, pela mãe, a uma visinha que fazia de pobre envergonhada, depois das nove da noite, na esquina do passeio publico.

O João contou-me como aquillo se fazia.

A mulher, toda de preto, com um véu pela cara, mettia-se na sombra da ultima arvore, junto ao pilar da gradaria, com a filhita ao lado, e o João deante de si.

Quando passava alguém que podesse dar, a mulher começava na cantilena lamurienta intercotada,

surda, de *hesitação*, de *vergonha*, e empurrava o João para ir atraz do passageiro, a pedir ainda, — para a sua pobre mãe, aquella senhora envergonhada, e para o pai... muito doente no hospital... uma desgraça!...

E depois d'aquelle, outro, e outro; todos os que parecesse que haviam de ter caridade.

Mas nem todos tinham caridade; a mulher, então, fazia arremções baixos e dizia palavras sujas, de ameaça...

Mas enfim, sempre se tirava alguma cousa; havia noites de mais de seis tostões... Não que ella sabia dizer ás vezes umas palavras, uns casos que faziam parar os homens, condoídos de tanta desventura...

Esses davam... até um pataco!

Depois de se ganhar a noite, ahi pelas onze horas, a mulher levava os pequenos para casa; as mais das vezes, dava-lhes um café para ambos, em qualquer botequim ordinario do Borralem, bebia muitos calices de aguardente, e depois subiam a costa do Castello, elles já muito caçados, com muito somno, ouvindo as recommendações muitas vezes repetidas ao — João de não dizer nada ao pae...

Foi esta a entrada de João, na industria da vida.

E passou-se mais de dois annos n'aquillo, até que um dia o João, revoltou-se! Já era de mais!

A mãe do João já não o emprestava só a elle, á visinha. Por fim, a mulher levava tambem a mais velha das irmãsitas uma pequenita de tres annos, para poder mostrar tres filhos, e assim armar melhor á piedade publica...

A' pobresita da irmã do João custava-lhe muito... aquellas noitadas!... Ficar para alli umas poucas de horas, ao relento, ao frio, ... Chorava baixinho, coitadita!... E a mulher ouvia-a chorar, e não a amimava, nem nada! — até gostava d'aquillo! os senhores davam-lhe mais quando viam chorar a pequena!

—Mas teu pae, João? Pois teu pae não sabia d'isso?

Não sabia; era mestre de instrução primaria, por casas particulares; chegava á noite, farto de trabalho e deitava-se logo, mesmo morto. Era então que a mãe do João emprestava os filhos á visinha.

No fim da noite, quando voltavam, repartiam-se os ganhos... — que a mãe escondia sempre do pae.

Até que uma noite, ah! n'essa noite o João não pde mais e revoltou-se.

Foi por causa da irmãsita:

(Continua)

CYPRIANO JARDIM.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 160)

X

Sentindo o pezo d'aquella mão Donaciano voltou-se, e achando-se em frente de Barthenay, fez signal aos amigos para que se retrassem, e perguntou:

—O que pretende?

—Queria desmascaral-o deante de toda esta gente; mas fica para outra vez.

O visconde sorriu e accrescentou:

—Que significam essas palavras? Perdeu a cabeça por acaso? Explique-se.

O official pegou-lhe nas mãos, e exclamou cheio de colera:

—Traidor! espião!... Devias ter sido fusilado; mas ha todas as provas dos teus crimes, e dentro em pouco morrerás no cadafalso!

Depois d'estas palavras Julio Barthenay esperava que o seu adversario quizesse estrangulal-o. Ao revêz d'isso, o visconde de Monaville encheu-se de serenidade e respondeu:

—Isso é uma rematada loucura! Semilhanças accusações morrem aos meus pés! Ora explique-se repito.

—Só tenho a dizer-lhe que onde quer que o encontre, seja deante de quem fôr, hei de contar em altas vozes os seus infames attentados.

E afastou-se vagarosamente, deixando aquelle, que tinha sido tão cruelmente insultado, dizendo estas palavras de si para consigo:

—Diabo! mais uma complicação!

Barthenay começou a reflectir no que fizera, e arrependeu-se porque podia ter frustrado os planos de René Morlant. Voltando para casa do homem sem pernas, teve conhecimento do perigo, em que elle se tinha visto, e pelas explicações de Valenson ficou tambem persuadido da existencia de um novo crime.

Receioso de que o advogado e o ex-coronel fossem victimas do seu systema de longaminidades e dilações, resolveu bater-se com os dois malvados, certo de que n'esse juizo de Deus, a justiça lhe seria favoravel.

X

Heitor Valenson, dotado de um character energico e provado por mil desgraças, recobrou-se rapidamente do abalo, que lhe causou o incidente, de que foi salvo por Paulina e Zelia Martinpré, e principiou a conversar com Paulina.

—Minha senhora, sei que teve já uma conferencia com René Morlant; e afirmando-lhe a minha sympathia e consideração, tomo a liberdade de aconselhal-a a que declare tudo a seu avô.

—Não tenho coragem! Tirar as illusões ao pobre velho, que estava tão contente com este casamento?

—A sua posição é delicadissima perante as leis divinas e humanas. É casada bem sei; mas o homem, a quem unio a sua sorte, apresentou-se com um nome supposto, fingindo qualidades, que não possui, e por consequencia é um casamento nullo.

—Mas ha occasiões, em que ainda duvido, e ainda o amo, retorquiu Paulina. Peço-lhe que não faça uso das provas que tem contra elle. Bem vê que no momento em que eu souber, que sobre a sua cabeça está imminente algum perigo, o meu dever é prevenil-o.

—E' digna a sua maneira de sentir; mas elle não ignora o juramento solemne que fiz, e os meios empregados para cumpril-o. Tenha paciencia, resignese, e eu fallarei com o advogado, que mandei chamar, sobre o modo de tornar o menos embaraçosa possivel a sua posição.

As duas senhoras despediram-se, depois de mais algumas reflexões, e Valenson pediu-lhes que voltassem, dirigindo a Paulina sentidas palavras de consolação.

D'ahi a um quarto d'hora chegou René Morlant. A sua opinião acerca do procedimento de Paulina divergia da do amputado; porém elle produziu tão valiosos argumentos, que o advogado resolveu pre-

venir a viscondessa na conferencia do dia seguinte do caminho, que devia trilhar.

XI

Julio Barthenay, cada vez mais firme na resolução de bater-se com os dois criminosos, e desejo de que o acto fosse solemne, deu-se ao trabalho de estudar os costumes do inimigo.

A's dez horas da manhã entrou no botequim, por onde o visconde passava sempre que ia á cidade, e collocou-se junto da janella com um jornal na mão. Apóz d'elle, chegaram tres homens, que principiam a beber genebra. Dois conhecemos nós: eram Paulo Gibraltar e Vital Malescot. O terceiro, de trinta e cinco annos aproximadamente, estava mais acceiado, mais decente, e tinha muito melhor cara do que os companheiros.

—Vamos, Chouzel; mais um copinho, disse Paulo.

—Nada; vocês estão habituados a este veneno; mas a mim queima-me o interior.

—Deixa-te d'asneiras; accudiu Malescot. Bebe; alegra-te, já que passas uma vida sem sabor nos braços da mulher e dos filhos.

—E n'elles é que eu gosto de pensar! respondeu Chouzel enternecido. Pobre Marianna!

Mas porque não vem ella fazer-te uma visita? Perguntou Paulo.

—Quando eu ganhar dinheiro ha de vir, se Deus quizer. Vim para Bruxellas porque em Genebra não ganhava um soldo. E posso gabar-me de que era um sapateiro de trus.

—Sempre virtuoso! interrompeu Malescot. Olha que te tem servido de muito... Estás condemnado como nós a prisão perpetua, etc., etc., etc.

—Sim; mas, sabem que me denunciaram como pertencendo ás barricadas, porque fui a Paris ver uns parentes, que eram comunistas, Bonita coisa! innocente e condemnado!

—Estás entre dois ladrões, replicou Malescot; quanto a mim e a Paulo Gibraltar, nenhum de nós nega que pertencem á Communa d'alma e coração.

Chouzel olhou para o relógio e disse:

—Vou deixal-os; sou esperado pelo patrão, que me ha de dar trabalho.

N'esse momento San Marco e Donaciano, fallando commodamente, chegaram á esquina da rua, onde parar am.

Daniel Chouzel olhava para elles com uma insistencia notavel, e traduzia-se-lhe no rosto viva commoção.

—Estão á espera d'aquelles dois? perguntou Chouzel. Conhecem aquelles sujeitos?

—Conhecemos, sim, tornou Malescot.

Donaciano e San Marco proseguiram na conversação, e Chouzel não tirava os olhos de cima d'elles, —Quem são os taes patuscos?

—Um é Donaciano, visconde de Monaville e de outras terras; o outro chama-se San Marco, e se quizesse usar do titulo de marquez, como fazem muitos italianos, ninguém lh'o impediria.

—Mas que similhaça!... Se minha mulher os visse, dizia o mesmo... E são com effeito duas pessoas tão distinctas?

Gibraltar e o ex-forçado trocaram entre si olhares significativos, e o ultimo respondeu.

—Cidadão, basta de perguntas, Descosa-se e diga: já viu aquelles senhores algures?

—Quasi que o ia provar, porque não é possível haver tamanha similhaça...

—Onde? quando? como? perguntou Gibraltar.

—Se não são, devo calar-me; se são, o meu dever é dizel-o a outras pessoas, e não aos senhores.

O visconde e San Marco sahiram do lugar, em que tinham parado e continuaram o caminho.

—Vejam-se ha meio de fallar a San Marco em particular, disse Malescot levantando-se.

Pagou a despeza, e sahio cambaleando. Chouzel levantou-se tambem, e dirigiu-se para a porta sósiinho, murmurando:

—Se eu pudesse passar por pé d'elles e pronunciar estas palavras: *Castello de Blaison*, trahi-am-se com toda a certeza, se fossem os taes.

Julio Barthenay, que ouvira tudo, seguio logo o sapateiro. Vio-o entrar n'um grande armazem de calçado, e ahí descobriu a sua morada. Pareceu-lhe que por alli podia saber-se muita cousa, e foi logo a casa de René Morlant, que o não recebeu por estar em conferencia com o velho Desherbiers.

N'essa conferencia, disse o advogado pouco mais ou menos o seguinte:

—E' gravissimo o assumpto, que me obrigou a pedir-lhe o obsequio de fallar-me; vou fazer-lhe revelações muito cruéis. E-me doloroso este encargo, mas trata-se de seu neto, e mais ainda de sua neta, que desejo salvar. Principiarei por dizer-lhe que o sr. Desherbiers foi victima de um odioso engano... o marido de sua neta tem um passado tenebroso... Vou dar ao sr. Desherbiers todas as armas para sacudir-lhe o jugo; mas para isso preciso de saber que elle não tem armas contra o avô de sua mulher... Vive aqui um miseravel, que se diz possuidor de um segredo, que lhe diz respeito, e talvez já o vendesse...

A' medida que René Morlant ia fallando, o pobre Desherbiers empallidecia, e quando ouviu as ultimas palavras, cahio desfallecido, exclamando: «Ah! meu Deus!»

Quando voltou a si, disse ao advogado.

—E' muito grave o que me diz; mas as provas? E porque motivo se envolveu n'este negocio?

—Porque desejo salvar a sua neta, e como já lhe disse, preciso de saber se é verdade a existencia do tal segredo para dirigir o meu plano.

—E' verdade que esse tratante possui um segredo de familia, que não é só meu, e estou prompto a fazer tudo para que Gibraltar não revele ao visconde... O sr. advogado tem larga experiencia da vida e sabe que um homem pode achar-se n'uma situação vergonhosa, deploravel, sem culpa alguma. E' o meu caso. Fui victima d'uma desgraça, que feriu tambem o pae de Paulina... Mudei de vida e de terra ha quinze annos, depois de receber uma rica herança, e posto que o nome, de que uso é meu, não é contudo aquelle, porque antigamente me conheciam.

—Se é só isso, pouco vale, accudiu o advogado. Entremos no assumpto.

E contou ao velho toda a historia de Claudio Péchel, sem se esquecer de mostrar o livro do marquez G. de B.

O velho comprehendeu tudo, e exclamou:

—Não ha duvida! Roubou á victima os documentos para se impôr como visconde de Monaville,

O advogado, estranhando a pequena impressão produzida no animo de Desherbiers pela horrivel communicação, que ouvira, calculou que aquelle septuagenario devia ter soffrido golpes muito cruéis para chegar a tamanho grau de insensibilidade.

—E' claro continuou Desherbiers, que nem eu nem minha mulher, nem Paulina, podemos viver com elle. E' necessario sahir de Bruxellas. Tenho o

espirito perturbado, como é natural. O sr. advogado permite-me que volte amanhã?

—Pois não; digo-lhe só que approvo a resolução de sahir de Bruxellas.

XII

Julio Barthenay entrou apenas sahio o avô de Paulina. Referiu o que ouvira no café, e René Morlant dirigio-se immediatamente á casa do sapateiro. O pobre diabo depois de pequenas explicações contou a historia, que vamos resumir:

«Eu habitava o casal de Frellier a poucas leguas de Ancecy, onde vivem ainda minha mulher e seus filhos. Ficava perto o castello da condessa de S. Clemente, viuva rica, hospitaleira, caridosa, que tinha em casa uma sobrinha por nome Emiliana, um anjo de bondade. Uma noite appareceu-lhes um rapaz de optima presença, vestido de caçador, dizendo que se tinha perdido, e que estava a morrer de fome e do cansaço. Disse como se chamava, disse mais que era conde, e foi bem recebido e bem tratado. Na noite seguinte, estando a fumar no meu cachimbo, vi passar dois homens com as caras completamente negras, e um d'elles era tal qual o caçador.

Preoccupou-me ver juntos dois homens disfarçados, repelli a ideia de que fosse o tal conde, não contei nada a minha mulher. Dormi mal a noite, levantei-me mais tarde do que o costume. Marianna já estava a pé, e bem assim a nossa filhinha Thereza e o nosso Pedro. Sentí chorar o ultimo, espreitei para o quarto dos pequenos que era contiguo ao meu, e vi o petiz sentado n'um cesto e a irmã a mascarrar-lhe a cara com um pincel. Perguntei a Marianna d'onde diabo tinha sahido o boião, em que Thereza molhava o pincel. Respondeu-me que a pequenita tendo ido á casa do forno buscar brazas encontrou todos aquelles objectos.

Fui logo á casa do forno, e imagine-se a minha surpresa quando vi sahir d'uma azinhaga proxima dois homens, trazendo cada um o seu rolo de baixo do braço, vestidos de camponezes, mas conhecendo-se perfeitamente que o não eram.

Um tornou-me a parecer o caçador; o outro de sobranceiras espessas, olhos grandes, era senhor d'um nariz de se lhe tirar o chapéu.

Percebi que os tinha encommoado. Os homens apressaram o passo, e eu tive uma lembrança. Viriam elles do meu forno? Quando lá cheguei, como a terra estava humida, vi pegadas que se não pareciam com as minhas nem com as de Marianna. Soube depois que eram dos dois homens de cara mascarada, que eu tinha encontrado. E como achei tambem um lenço manchado de sangue, conclui que a nossa pobre aldeia estava invadida por malfetores.

Não pude descobrir para onde se tinham dirigido os taes sujeitos; voltei para casa, contei tudo a Marianna, que fez tambem um juizo igual ao meu.

Desgraçadamente não nos enganámos!

No dia seguinte correu a noticia de que a condessa fora encontrada morta na cama. Suppuzeram todos a principio que succumbira a uma apoplexia fulminante; mas quando veio a auctoridade principia-ram as suspeitas de outro genero.

A condessa de S. Clemente era muito sovina e desconfiada, tinha sempre muito dinheiro em casa, e n'uma secretaria collocada ao pé do leito, em que devia haver quarenta ou cincoenta mil francos não se encontrou nada.

O magistrado homem de grande experiencia, admirado d'este facto, principiou a examinar o cadaver, e concluiu que a desditosa senhora morrera asphixiada... Veio e medico, e confirmou esta opiniao.

Mas como se poderiam explicar o assassino e o roubo?

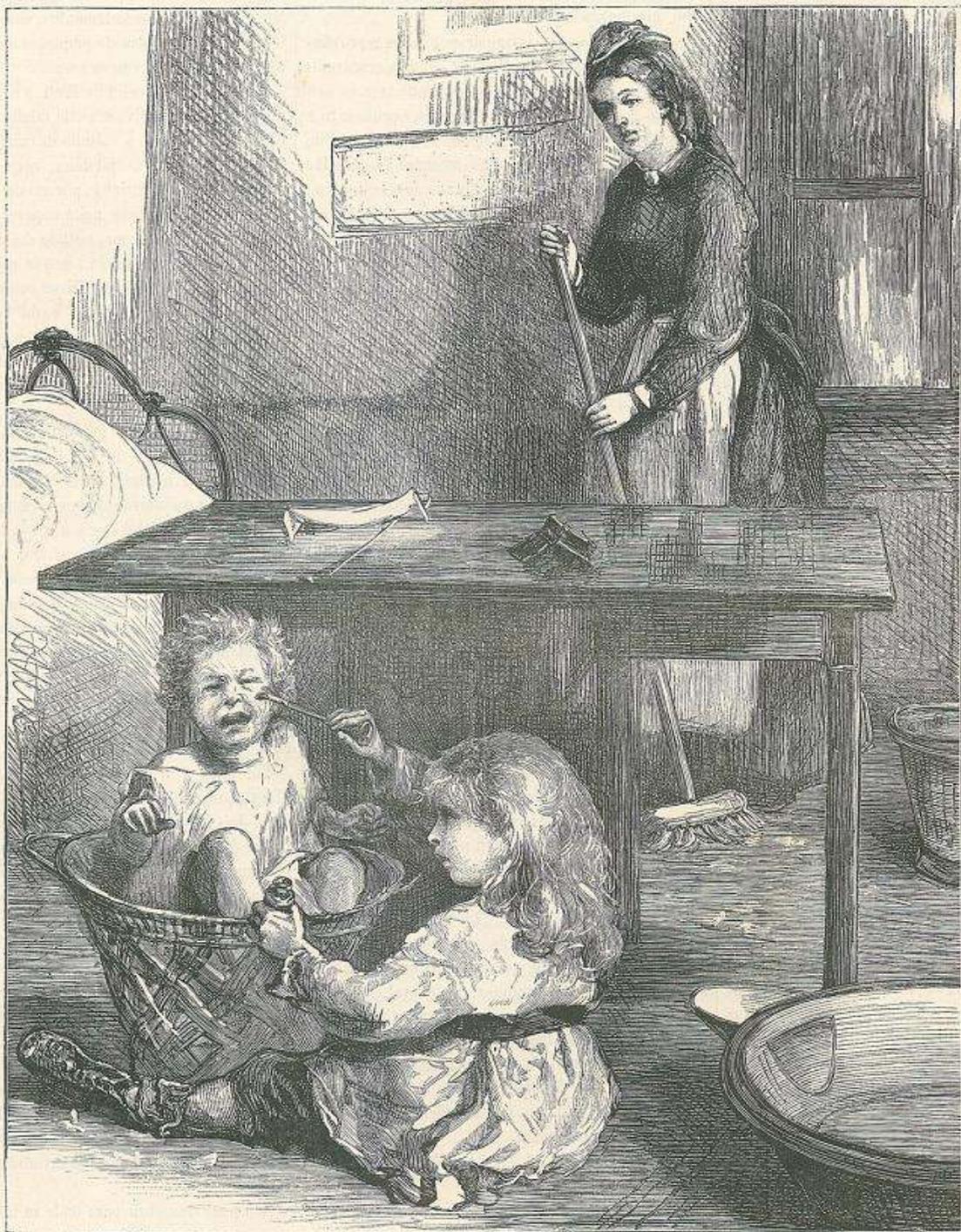
tello. No fim da escada havia outra porta muito so-lida que dava para o jardim. Não servia desde tempos immemoraveis. Estava como a outra, fechada á chave.

Isto não explicava nada na apparencia. Todavia pelo rasto, que deixaram na escada cheia de pó, reconhecia-se que por alli tinham entrado os dois auctores do crime.

O que é certo é que nunca poude ser agarrado, nem o cumplice.

Agora, na cidade de Bruxellas, venho encontrar dois homens... eu não quero affirmar que sejam os mesmos; mas parecem-se tanto!

René Morlant ouviu tudo com a maior attenção, e quando o sapateiro acabou, fez-lhe algumas perguntas, e apontou as respostas na carteira. Em



UM PASSADO TENEBROSO — A caracterisação

XIII

Era um mysterio, continuou Chouzel, que parecia impenetravel, porque todos os habitantes do castello estavam ao abrigo de qualquer suspeita.

O procurador regio, o juiz e todos os agentes da usticia davam tratos á imaginação e nada concluiam. Finalmente descobriu-se detraz d'um espelho move-dico uma pequena porta, que dava para uma escada ap; pedra, construida n'uma das quatro torres do cas-

A condessa tinha sempre consigo a chave da secretaria; era portanto facil explicar como a abriram; porem as chaves do castello?

Eu, por mim, pensei logo nos taes amigos, e declarei logo á justica, que os mandou perseguir.

Soube-se então que o tal conde não era conde, nem conhecia o marquez em cujo nome fallou, e sobre elle recahiram as suspetsas do crime, para a execução do qual viera pedir hospedagem ao castello da condessa.

seguida agradeceu-lhe o favor, que lhe prestara, e prometeu alcançar-lhe o perdão do governo. Disse-lhe que era preciso ser muito discreto, e affirmar a Gibraltar e Vital Malescot que se tinha enganado, quando disse que o visconde de Monaville e San Marco davam ares dos dois facinoras.

O pobre diabo, cheio de jubilo, disse logo que sim.

(Continúa.)